

Perfil da Assembleia Sinodal: Traços fundamentais *

Introdução

Braga celebra hoje o Dia da sua Igreja diocesana e escolheu para tema de reflexão o que se refere à Assembleia Sinodal, sua constituição e seus membros, sua dinâmica e articulação com outros órgãos de espírito sinodal.

Foi-me pedido colaboração porque — como afirma D. Jorge Ortiga no convite que me dirige — «interessa-nos a vossa experiência e, sobretudo, a alegria de juntos, procurar os melhores caminhos para a Igreja». E, em jeito de explicação, adianta ainda: «O Sínodo é um momento de participação eclesial que se vive conscientemente quando nos empenhamos no quotidiano, na paróquia ou movimentos, do seu agir pastoral».

É precisamente este o meu propósito: Oferecer a experiência do II Sínodo de Aveiro, tal como a vivi nas sessões da Assembleia e, a partir dela, o seu estilo e jeito, os seus limites e potencialidades. A reflexão supõe um quadro de referências doutrinárias que, no contexto em que nos situamos, será sempre o da eclesiologia de comunhão e de participação, orgânica e dinâmica, configurada a partir da Igreja particular ou diocesana, segundo o Vaticano II e o magistério pós-conciliar.

Organizei esta comunicação-conferência em três partes, procurando unir a seriedade da reflexão à vivacidade da experiência vivida, e, sempre que possível, às orientações da Igreja.

* Conferência apresentada no Pavilhão das Feiras, em Braga, aquando da celebração do Dia da Igreja diocesana, a 20 de Maio de 1996, em que se fez a preparação próxima da Assembleia Sinodal.

1. O Sínodo e a Assembleia

1.1. O Sínodo de Aveiro realiza-se de 1990 a 1995 e dá origem a uma caminhada diocesana cheia de ensinamentos. Neste período, organiza-se uma vasta movimentação de pessoas que pretende sensibilizar a opinião eclesial e pública, despertar a consciência participativa dos cristãos e criar condições para que surjam os grupos de reflexão e as escolas arceprebais, e se promovem sessões de estudo e aprofundamento das propostas que vêm a ser debatidas na Assembleia Sinodal.

«Imaginem os leitores — sugere um jovem estudante do ensino secundário por ocasião da I Sessão — que são enviados para o Parlamento para decidirem as questões essenciais para a vida do País. Com certeza ficariam esmagados com o peso da responsabilidade!

É o que eu sinto nesta Assembleia do Sínodo Diocesano.

É evidente que o Sínodo não é uma imitação do Parlamento... O que eu quero dizer é que são debatidos aqui problemas de tal importância que me sinto responsabilizado e comprometido. Ninguém se pode demitir. E, no caso dos jovens, porque queremos mudar o mundo — embora, às vezes, não saibamos como nem para onde — seremos incoerentes se não aproveitarmos esta oportunidade.

A última coisa a morrer e a primeira a dar-nos força para a vida é a Esperança. É por ela que caminhamos em comum»¹.

1.2. A Assembleia constitui a fase central da caminhada sinodal, o pólo de convergência de todos os esforços e iniciativas, o grande momento de diálogo e discernimento daquilo que os fiéis julgam ser mais importante para a Igreja diocesana.

A ela acorrem os participantes cheios de esperança e, talvez, atormentados por algum receio. Sobre ela poisam os olhares confiantes dos cristãos irmanados no mesmo desejo de procurar o melhor para a Igreja numa atitude de fidelidade crescente a Deus que se expressa numa preocupação atenta às situações humanas e aos desafios decorrentes. Com ela estão todos os que lutam por um mundo mais justo, em que a dignidade humana se promova a partir do respeito pelos direitos fundamentais, estão todos os que assumem a missão da Igreja nas diversas circunstâncias e pretendem vê-la realizada de forma evangélica mais eficaz. Dela não-de surgir as propostas que traduzem o sentir eclesial

¹ *Correio do Vouga (CV)*, 14.06.91, p. 3.

e representam o dom mais precioso a apresentar ao Bispo diocesano como ajuda ao exercício do governo pastoral.

«Dizia, há dias, um dos nossos padres no jornal da sua região: 'Se isto pega, vai ser lindo!' É verdade: se a Igreja aveirense, coerente com o que reflectiu nesta sessão sinodal, pegar a sério na prática que se propôs, vai ser lindo ver crescer uma multiplicidade e riqueza de actuações, vai ser gratificante constatar a pujança de uma presença nova transformadora no seio das realidades e das pessoas da nossa Diocese. Os sinais de mudança e a certeza da presença do Espírito permitem-nos acreditar no futuro!»².

1.3. As orientações do Magistério da Igreja no que se refere ao Sínodo e à importância da Assembleia são muito expressivas, chegando quase a identificar aquele com esta. Recordemos algumas passagens mais significativas.

Deseja o concílio Vaticano II que os Sínodos e os Concílios entrem de novo em vigor, para que melhor e mais eficazmente se possa atender «ao incremento da fé e à conservação da disciplina nas várias Igrejas, segundo as exigências dos tempos». (CD 36).

A importância do Sínodo revela-se também nas pessoas que devem participar nas sessões da Assembleia, nos objectivos que são definidos e na diversidade dos assuntos a tratar. Por isso, o Sínodo é uma assembleia de sacerdotes e de outros fiéis, membros da Igreja particular, que prestam ajuda ao Bispo da diocese para bem de toda a comunidade diocesana. (cf. c. 460).

Os membros da Assembleia Sinodal tomam parte por uma das seguintes razões: pela missão (ofício) que desempenham, por escolha das comunidades e dos grupos e por designação do Bispo diocesano. Há ainda o caso de outras pessoas que podem ser convidados a estar presentes como observadores. (cf. c. 463).

Embora a títulos diferentes, todos são convocados e constituem a Assembleia do Sínodo que se pode reunir em sessões plenárias ou parciais as vezes que forem necessárias para tratar livremente as propostas apresentadas a discussão. (cf. c. 465).

Deste modo, todos e cada um, conforme os serviços e carismas, cooperam unanimemente no obra comum. (cf. LG 30).

² QUERUBIM, José, *CV*, *ib.*

O Sínodo e, no processo da sua realização, a Assembleia Plenária, surge como uma expressão excelente de corresponsabilidade em que estão envolvidos os membros mais vinculados à Igreja diocesana, nos serviços centrais, nas paróquias, no institutos de vida consagrada, nas associações e nos movimentos ou em áreas particularmente significativas da sociedade civil. Constitui a forma mais solene e destacada a que o Bispo diocesano pode recorrer para exercer a sua função de governo.

A sua finalidade consiste em expressar a vivacidade da Igreja diocesana desejosa de ser fiel aos desafios que o Senhor lhe faz a partir das novas situações e, em linguagem do magistério episcopal se traduz:

- em adaptar às circunstâncias locais as normas e leis da Igreja Universal;
- em definir orientações pastorais e estabelecer programas de acção apostólica;
- em tratar das questões disciplinares e procurar resolvê-las;
- em cultivar a comum responsabilidade na edificação do povo de Deus;
- em proporcionar a realização de celebrações litúrgicas que estimulam a fé, a piedade, o ânimo apostólico e as iniciativas a emprender em toda a Diocese. (cf. DMPB 103).

Para isso, o Sínodo deve ser convenientemente preparado e celebrado recorrendo, se necessário, ao auxílio de peritos e às sugestões dos diversos grupos da comunidade diocesana.

Estes traços da relação do Sínodo com a sua Assembleia Plenária são comuns a todo o processo sinodal que tenha em conta as orientações do Magistério. A sua concretização, porém, é da inteira responsabilidade de cada Diocese e do seu Bispo que devem definir concretamente aqueles objectivos, organizar o processo sinodal tanto a partir da fase preparatória e da sua realização como da celebração e implementação de acordo com o que julgarem melhor, tendo sempre presente o bem do Povo de Deus.

2. Orgânica e dinâmica da Assembleia Sinodal

A Assembleia Sinodal visa prestar um serviço qualificado ao Bispo da Igreja diocesana na realização do governo pastoral. Por isso,

é conveniente conhecer alguns princípios a que esta governação deve atender. (cf. DMPB 93-98).

* Ter sempre presente o bem comum da comunidade, entendido como conjunto das condições que permitem às pessoas atingir mais facilmente a sua melhor realização. Exige uma definição clara do que será o bem daquela comunidade, o conhecimento realista da situações de vida, o envolvimento pessoal e comprometido dos responsáveis, o recurso a pessoas sensatas e conhecedoras, a recolha e leitura interpretativa de dados.

* Garantir a unidade eclesial e a comunhão entre as Igrejas diocesanas no seio da Igreja universal. Esta garantia é dada pelo respeito para com as diferenças legítimas e pelo sábio exercício da animação-coordenação.

* Promover a colaboração responsável, estimulando o espírito e a liberdade de expressão, proporcionando espaços de diálogo e discernimento, partilhando funções e serviços, reconhecendo que ninguém é tão pobre que nada tenha para dar nem tão rico que nada possa receber. Só o contributo de cada enriquece e valoriza o bem comum.

«Nesta Assembleia — confessa uma catequista da Infância —, vi uma porção do Povo de Deus, interessada em reflectir sobre os temas apresentados...

Vi comunidades que lutam contra a falta de dinâmica e empenhamento cristão, num esforço enorme de renovação a que todos se devem sentir chamados.

Vi responsáveis de paróquias desinteressados, sorrindo ironicamente às propostas apresentadas, porque — dizem — a teoria é muito fácil... A prática é que incomoda.

Vi uma Diocese e o seu Bispo preocupados com a diminuição da educação da Fé, da prática da Caridade e sem espírito sério de solidariedade.

Vi que é necessário haver outras Assembleias para despertar nos 'adormecidos', nos 'incrédulos' e nos 'acomodados' — Padres e Leigos — o sentido da Comunidade Eclesial e da responsabilidade missionária, únicos meios de viver intensamente o desafio desta caminhada sinodal»³.

Além daqueles princípios de governação pastoral, há outros igualmente importantes como a organização funcional da subsidiari-

³ CAMPOS, Belmira, CV, 15.10.92, p. 5.

dade, a promoção racional da coordenação e a conveniente colocação de pessoas competentes nos serviços adequados.

3. Agentes da Assembleia Sinodal

Os principais agentes e membros desta Assembleia são o Espírito Santo e as pessoas, presentes a título diverso.

3.1. O Espírito Santo

O Espírito Santo é o verdadeiro protagonista da Igreja e de tudo quanto nela se realiza. Já assim foi na vida e missão de Jesus. Também o é agora. É Ele que nos conduz para a verdade e nos ensina a reconhecer Jesus como Filho de Deus e salvador do mundo. É Ele que gera a comunhão e abre continuamente horizontes missionários. É Ele que converte os dons apresentados na eucaristia em corpo e sangue de Cristo. É Ele que dota a Igreja de graças e carismas para a edificação comum. É Ele que fala continuamente à Igreja, trazendo-lhe a eterna novidade de Deus.

Acolher o Espírito torna-se um imperativo de consciência cristã. Acolhê-lo para nos familiarizarmos com o seu modo de ser e de agir, para escutarmos o que tem para dizer, hoje aqui, à nossa Igreja.

Consequentemente, é indispensável criar nas pessoas e nas comunidades condições de liberdade interior, de escuta atenta e de resposta solícita. É necessário reconhecer os sinais da sua presença interpelante nos gemidos das criaturas, forçadas à opressão, e nas alegrias e esperanças da humanidade. É Ele que, mediante o contributo de cada um, quer oferecer a todos a riqueza comum, o bem da Igreja, as melhores propostas de serviço evangélico à sociedade de que fazemos parte.

3.2. Os participantes

Embora cada Diocese deva organizar o seu Sínodo de modo adequado à sua realidade (pessoas, problemas e desafios, contexto socio-cultural...) e, por isso, escolher os participantes mais aptos a corresponder aos objectivos que vier a definir, há traços e atitudes comuns que se podem considerar imprescindíveis. Apontam-se os que parecem mais significativos e consensuais.

3.2.1. Atitudes dos Participantes

a) Amor à Igreja diocesana

Como atitude primeira há que destacar, sem qualquer dúvida, o amor à Igreja diocesana. O amor é a fonte donde promana a corrente de vida que tem a sua origem em Deus e circula nos corações das pessoas. Fruto deste amor circulante e ao seu serviço está a Igreja.

Amar a Igreja diocesana é aceitá-la como ela é, com as suas sombras e luzes, assumir a situação dos seus agentes, com as limitações e as capacidades, o peso e a riqueza da sua história. Amá-la lucidamente, com profundo respeito pelo passado onde ecoa a memória de quem nos precedeu e a voz do Espírito que sempre acompanha a humanidade na sua caminhada histórica. Amá-la com realismo sadio, assumindo o presente com um dom e uma tarefa a que urge corresponder generosamente. Amá-la criativamente. Sonhando novas propostas mais adequadas aos tempos novos que vão surgindo, na esperança da nova primavera que já indicia os frutos amadurecidos e saborosos da maturidade humana e cristã.

«Mesmo os menos atentos à vida da Igreja diocesana — reconhece o director do 'Correio do Vouga' — têm decerto sentido que algo está a mudar tanto na linha do empenhamento pessoal dos cristãos na procura coerente das melhores soluções para as suas inquietações, como no envolvimento comunitário que tenta ajudar os que, por razões várias, se encontram na situação de risco ou de marginalidade.

O Sínodo Diocesano, em boa hora lançado para nos acordar para as realidades que nos cercam e para a necessidade de respondermos de forma objectiva aos problemas e angústias de todos os homens, tem sido, em nosso entender, a mola real destas mudanças que, um pouco, por toda a Diocese se vão processando».

Procurando ilustrar as mudanças referidas, acrescenta: «Temos apreciado, por exemplo, situações que traduzem um crescimento cada vez mais empenhado dos participantes nas Assembleias Sinodais; um cada vez maior sinal de consciencialização individual e colectiva que se nota em tantos que falam em nome do seu grupo ou movimento; uma coragem aberta à verdade, na forma como discutem e expõem os seus pontos de vista; um respeito muito grande pela diversidade de interesses e de opiniões; a convicção de que todos fazemos parte do mundo; a certeza de que é missão nossa iluminarmos os que nos cercam pelo exemplo de vida coerente e alicerçado na Boa Nova»⁴.

⁴ MARTINS, Fernando - Igreja a mudar. CV, 21.06.96, p. 2.

Desta forma, não há lugar para o desamor, a desafeição, a demissão de responsabilidades, a indiferença, o descompromisso, o estar presente para fazer número, a crítica viperina e sarcástica e o cortejo dos seus apaniguados que matam a esperança, semeiam a resignação fatalista e conduzem a omissões graves (próximas da heresia pastoral).

b) Sentido de corresponsabilidade e de colaboração

O baptismo e demais sacramentos vêm reforçar a nossa comum responsabilidade face aquilo que diz respeito à pessoa humana e à sua dignidade sonhada por Deus e tão eloquentemente promovida por Cristo.

Para expressar esta ligação profunda, S. Paulo recorre à imagem do corpo humano (cf. 1 Cor 12, 13-31) e S. João à alegoria bíblica da videira (cf. Jo 15, 1-8).

Na Igreja de Jesus, todos somos iguais em dignidade, diferentes nas capacidades e funções, complementares no serviço à missão.

A categoria do cristão expressa-se e revigora-se pelas formas que visam afirmar e realizar essa dignidade, congregar na unidade as diferenças enriquecedoras e valorizar o contributo de cada um como serviço ao bem de todos.

A participação é tão sublime que nos eleva ao modo de ser de Deus. Ele quis que fôssemos participantes da sua natureza (seus parceiros), confiou-nos a missão de colaborarmos livremente na realização do seu projecto de salvação, responsabilizou-nos, em Igreja, pelo anúncio histórico de que este projecto está em marcha irreversível em todo o mundo.

A responsabilidade de cada um começa, antes de mais, em relação a si mesmo.

Para integrar convenientemente esta responsabilidade no bem de todos, são indispensáveis pessoas e órgãos que, reconhecidos por quem de direito, fomentem, proponham, acompanhem e ajudem a fazer revisões, procurem crescer juntos na verdade e santidade e acertar as acções eclesiais a realizar. Deste modo nasce, cresce e amadurece a corresponsabilidade na comunidade.

Sem responsabilidade pessoal, não há corresponsabilidade. Sem corresponsabilidade não há participação. Sem participação, não há unidade. Sem unidade, não há Igreja. Sem Igreja, Jesus não realiza hoje,

sacramentalmente, a sua missão salvadora. Sem Jesus Cristo, a vida humana não encontra a plenitude (cf. Jo 10, 10).

«Cada sessão sinodal — afirma D. António Marcelino em jeito de catequese aos participantes na Assembleia Plenária — torna visível toda a Diocese em Sínodo e significa, para todos nós, um grande acontecimento familiar, cheio de significado eclesial e que, na vivência das certezas que trazemos connosco, nos marca o ritmo à esperança de uma contínua renovação diocesana...

Decidiu esta Assembleia, no ano passado, optar por um esforço comum em ordem a reflectirmos os caminhos da renovação da paróquia, como comunidade, e a sua missão pastoral específica. Foi uma opção, entre outras possíveis.

A comunidade não nasce nem se renova a partir de raciocínios ou de teorias, mas sim a partir de uma realidade concreta que se chama «grupo»; de um experiência pessoal que se traduz por «participação»; do assumir, voluntariamente e em comum, de um projecto renovador; do sentir-se em comunhão com milhares de cristãos que, nas suas paróquias e movimentos, estavam embarcados na mesma aventura e fazendo, com alegria e entusiasmo, a mesma caminhada, mesmo que os caminhos não fossem precisamente os mesmos»⁵.

Há, por conseguinte, uma responsabilidade solidária que se expressa de acordo com as capacidades, funções, carismas e ministérios de cada um no seio da Igreja para bem do mundo.

c) Confiança mútua alicerçada na fé viva em Jesus Cristo

Sem condições que facilitem a sua concretização prática, perde-se irremediavelmente a beleza da doutrina. Das condições que surgem como indispensáveis à realização da Assembleia Sinodal, destaca-se o clima de confiança mútua alicerçada na presença revigorante de Jesus ressuscitado. «Onde dois ou três se reunirem em meu nome — diz o Senhor —, Eu estarei no meio deles» (Mt 18, 20).

A confiança é a melhor expressão do relacionamento humano correcto e supõe abertura e atenção ao outro, aceitação e apoio solidário, compreensão e sintonia, acompanhamento e caminhada em conjunto, verdadeiro espírito sinodal.

⁵ MARCELINO, António - *Paróquia, comunidade em renovação: O desafio*. In *II SÍNODO DIOCESANO DE AVEIRO*. Aveiro: Diocese de Aveiro, 1995, p. 280-281.

«A IV Sessão da Assembleia Sinodal — garante por sua vez o director do Secretariado da Pastoral Juvenil — deixou-nos a serena satisfação de ver a Diocese a estruturar-se, cada vez melhor, e a esperança efectiva de que a Igreja presente em Aveiro 'caminha em comum'. Estas duas componentes são tão importantes como simples de observar o que revela a progressiva consciencialização de como ser um Cristo.

Há uma maturidade crescente nos participantes — as intervenções são incisivas e descomplexadas (às vezes nota-se imprecisões na linguagem o que provoca contradições, mas também a força da intervenção»⁶.

d) Apreço para consigo mesmo

Este apreço é fruto da honradez e da honestidade de cada um para consigo mesmo, do reconhecimento das suas capacidades e limites, dos valores que possui e aceita partilhar, das lacunas que sente e deseja colmatar. Expressa-se numa relação dialéctica de plenitude e indigência, de luta e consentimento. Exige da pessoa uma atitude dialogante, uma disposição esforçada por cultivar sentimentos positivos face à vida, uma vontade manifesta pela clareza na comunicação, uns critérios definidos em relação ao que é prioritário, um saber falar ou calar segundo as circunstâncias, uma abertura pedagógica aos valores do espírito como a sabedoria, a contemplação, a inserção da cota-parte de verdade que progressivamente vai emergindo nas intervenções dos participantes.

«Foi gratificante observar — declara o Secretário Geral do Sínodo a propósito da II Sessão — que os leigos da nossa diocese se 'atiravam' às propostas com grande à-vontade e notória disciplina mental. Isto significa que prepararam a Sessão. Muitos, aliás, falaram não em nome pessoal, mas do movimento, do grupo, da comunidade paroquial donde porvinham. Esta ginástica mental de cada um se centrar no essencial não se improvisa. É fruto de muito treino e sinal de hábitos reflexivos.

Numa assembleia tão vasta, composta necessariamente por pessoas de índole temperamental e de nível cultural diferenciados, poderia haver 'destemperos', porventura até desculpáveis, ou aproveitamento da oportunidade para 'atingir' este ou aquele. A atitude comportamental dos intervenientes pareceu-nos saudável e fraterna. A capacidade de participar, questionando cada um o seu próprio posicionamento na paróquia e na Igreja, acolhendo as diversi-

⁶ SOUSA, Manuel de - Reencontros de renovação. CV, 15.06.94, p. 8.

dades e as opiniões dos restantes, manifesta que os frutos do Espírito estão presentes em quantos fazem a caminhada Sinodal»⁷.

A maturidade laical e a capacidade de diálogo sem afrontamentos são sempre dignos de registo e traduzem o apreço das pessoas para consigo mesmas. É este apreço que se torna medida exacta, querida por Jesus, para o relacionamento correcto com os demais. Amar os outros como a si mesmo é a norma do divino Mestre.

3.2.2. Traços de um perfil

Os membros da Assembleia Sinodal, atendendo as atitudes expressas, revelam um perfil em que se destacam alguns traços salientes que sempre se devem cultivar. Enumeram-se os que surgem como mais característicos. Pese embora o realismo das situações, o participante nas sessões desta Assembleia há-de:

- Ser homem-mulher de fé cristã comprovada.
- Cultivar uma visão realista e sadia da vida e dos acontecimentos.
- Assumir o presente como um dom a apreciar e um desafio a afrontar para construir, aqui e agora, um futuro melhor.
- Aceitar o grupo a que pertence e, em nome do qual, possivelmente toma parte como delegado ou representante na Assembleia. Saber compreender o que lhe confiam e transmitir-lo fielmente. Aceitar e realizar a sua função de ponte ou de «dobradiça» (bisagra).
- Reconhecer com alegria a novidade da Assembleia Sinodal que, embora sendo composta por participantes a título diverso, constitui uma realidade nova que ultrapassa a soma desses títulos e se configura com entidade própria. Reconhecer, viver e promover esta novidade.
- Estudar, rezar e assimilar criticamente as propostas que são objecto de debate sinodal, preparando as melhores formas de intervenção, dentro das normas do funcionamento da Assembleia. Colocar-se do lado das soluções e não ficar nos simples questionamentos.
- Pautar as suas intervenções pela clareza e oportunidade, pela ousadia realista, pelo amor à renovação para que todos e cada um possam crescer para a medida do Homem novo-Jesus Cristo (cf. GS 22) e tudo vir a ser integrado na liberdade gloriosa dos filhos de Deus (cf. Rom 8, 19).
- Participar, de modo agradecido e jubiloso, nas sessões da Assembleia, reconhecendo a importância da caminhada feita em comum

⁷ CARVALHAIS, M. - O Sínodo em Marcha. CV, 08.05.92, p. 5.

como a via mais acessível e mobilizadora para perscrutar e identificar a vontade de Deus a respeito da sua Igreja neste momento histórico em que se procura abrir as portas a um novo milénio.

· Experimentar a realidade eclesial nas sessões e comunicá-la de modo contagiante a fim de que o espírito e a dinâmica sinodais impregnem todas as organizações e serviços da Igreja. Assumir esta tarefa como missão e procurar caminhos sempre novos para a realizar.

Estes traços ajudarão a caracterizar melhor os participantes, embora o Espírito possa falar onde, quando e como quiser. Os traços referidos nem sempre se encontram em todas as pessoas. Também aqui se aplica o refrão é 'a andar que se faz caminho', sendo necessário adequar as exigências às capacidades reais das pessoas. Todavia servem de referência para quem está chamado a tão elevada e entusiasta missão.

O Sínodo — confessa um professor da Universidade de Aveiro — «é um momento importante de um processo de renovação da Igreja Diocesana, de que salientaria:

- a caminhada feita para a sua preparação, que mobilizou e animou grupos e comunidades;
- a participação empenhada, aberta, plural que a assembleia proporcionou;
- o compromisso de renovação, de empenhamento com o mundo dos homens; de solidariedade no 'reconhecimento e na promoção da igualdade e dignidade comuns';
- o referencial que o senhor Bispo da Diocese apresentou na sua intervenção inicial, traduzindo uma visão da Igreja diocesana aberta e solidária no seu seio, mas aberta, também, à necessidade de um envolvimento fraterno com o meio e o mundo em que está inserida»⁸.

Em conclusão, a Assembleia Sinodal tem o rosto e a dinâmica dos seus membros. Eles representaram, de algum modo, todo o Povo de Deus constituído em Diocese. Neles quer brilhar e por eles quer agir o próprio Espírito de Jesus ressuscitado. Deles depende, também, a força evangelizadora da Igreja diocesana e o seu envolvimento empenhado na humanização da sociedade e de todas as suas organizações.

Da sua participação generosa e criativa muito beneficiará a renovação da paróquia e o governo pastoral da Arquidiocese de Braga.

GEORGINO ROCHA

⁸ CV, 14.06.91, p. 3.

Junqueiriana de Pedro Bandeira na U.C.P. - Porto.

Documentos inéditos. Uma carta de G. Junqueiro

Guerra Junqueiro figura singularmente marcante do século XIX, tem sido nestes últimos anos, por razões várias, esquecido e injustiçado.

Desde 1992 — e na sequência do Simpósio «Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra» e do Colóquio «Teixeira de Pascoais» — que a Direcção do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa e a Direcção da Faculdade de Teologia - Porto procura contribuir para o enriquecimento cultural da área em que se situa. Assim, está já anunciado um outro Colóquio — «Guerra Junqueiro e a Modernidade» — para os dias 3 e 4 de Janeiro de 1997.

Nesta linha de estudo interdisciplinar de vultos marcantes da cultura portuguesa e em concreto sobre Guerra Junqueiro, aquelas Direcções acabam de adquirir a «Junqueiriana» particular de Pedro Bandeira.

Trata-se de um fundo bibliográfico composto por cerca de quatrocentos títulos de/sobre Guerra Junqueiro. Nele se incluem muitas das primeiras edições das obras do Poeta bem como de outras figuras de reconhecido mérito da literatura nacional e estrangeira que a ele se referiram. De lamentar, apenas, que algumas destas obras, embora esteticamente bem encadernadas, estejam desprovidas da sua capa original. O desejável seria que tivessem sido, em caso de necessidade, restauradas sem encadernação.

A acrescer a alguns números dispersos de revistas, estão ainda seis preciosos albuns de recortes de jornais, fotografias e bilhetes postais. Embora coleccionados sem critério de organização cronológica, constituem, não só uma mina de informação «crivada» para o estudo